

O QUE FUNDAMENTA AS NOSSAS ORAÇÕES?



"Quero conhecer a Cristo e experimentar o grande poder que o ressuscitou. Quero sofrer com ele, participando de sua morte, para, de alguma forma, alcançar a ressurreição dos mortos!" (Filipenses 3.10-11 – Nova Versão Transformadora)

Qual tem sido a essência das nossas orações? Por que (ou para que) buscamos a Deus em oração? – Se é que de fato O temos buscado. Quais

são os nossos objetivos quando nos colocamos diante da presença do Criador? Em outras palavras, **o que fundamenta as nossas orações?**

Em geral, as pessoas – mesmo aquelas que se dizem cristãs – se veem na necessidade de orar apenas quando enfrentam algum tipo de adversidade. É como se a oração servisse tão somente para suprir carências financeiras, de saúde ou para solucionar conflitos pessoais, familiares e congêneres. De forma honesta, afirmo que **a maioria de nós só lembra de buscar a Deus em oração quando necessita de alguma coisa da parte de dEle. São poucos aqueles que querem tão somente desfrutar da presença divina.**

A citação bíblica acima integra, ao lado de Efésios, Colossenses e Filemon, uma das quatro cartas escritas pelo apóstolo Paulo e que ficaram conhecidas como “As Epístolas da Prisão”. Me refiro à carta escrita por Paulo aos cristãos residentes na cidade de Filipos (hoje Istambul) – localizada no Leste da antiga província da Macedônia, a 16 km do mar Egeu, no topo de uma colina. De acordo com o contexto histórico da passagem bíblica, na época em que a Epístola aos Filipenses foi escrita (provavelmente 62 d.C.), o apóstolo Paulo estava preso em Roma, sob confinamento em uma casa por ele alugada (e custeada), onde ficou por dois anos (cf. Atos 28.16; 30.31). Durante esse período, Paulo tinha liberdade de movimento, embora sempre acompanhado por um soldado – a quem ele estava acorrentado – para encontros com seus amigos. Esta situação era comum para prisioneiros que fossem cidadãos romanos e não considerados um perigo para o governo de Roma. No entanto, à medida que o dia da audiência se aproximou, Paulo foi levado a um quartel militar que ficava próximo do local onde o julgamento seria realizado.¹

Durante todo o período em que estive preso, não há qualquer indício de que o desejo do apóstolo Paulo era que Deus o vingasse de todos os inimigos que lhe fizeram mal. Também não há

¹ HALE, Broadus David Hale. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Trad. Cláudio Vital de Souza. São Paulo: Hagnos, 2001. 263, 266-267 p.

indicações de que Paulo aspirasse a morte do imperador romano o mantinha preso. Pelo contrário, Paulo nem mesmo orou para ser liberto da prisão. Na mente e no coração do apóstolo havia apenas um único desejo: **conhecer a Cristo** (cf. Filipenses 3.10). À primeira vista, o anseio do apóstolo Paulo é extremamente paradoxal se comparado às suas experiências ministeriais e de fé até aquele momento. Vejamos:

Paulo escreveu mais da metade dos textos que compõem o Novo Testamento. *“Deus concedeu a Paulo o poder de realizar milagres extraordinários. Quando lenços ou aventais usados por ele eram colocados sobre enfermos, estes eram curados de suas doenças e deles saíam espíritos malignos”* (Atos 19.11 – NVT). Na cidade de Trôade, Paulo ressuscitou um jovem que havia morrido ao cair de uma altura de três andares (cf. Atos 20.7-12). Além de ter recebido diversas revelações do próprio Senhor Jesus (cf. Atos 9.1-5; 18.9; Gálatas 1.15-17; 1Coríntios 11.23a; 12.1), o apóstolo Paulo foi arrebatado ao terceiro céu onde *“ouviu coisas tão maravilhosas que não podem ser expressas em palavras, coisas que a nenhum homem é permitido relatar”* (cf. 2Coríntios 12.2-3 – NVT). Ainda assim, mesmo após vivenciar todas essas experiências fenomenológicas, Paulo diz: **“Quero conhecer a Cristo”** (cf. Filipenses 3.10a).

O desejo pelo conhecimento crescente da pessoa do Senhor Jesus – e conseqüentemente uma intimidade cada vez mais profunda com Ele – se tornaram na essência das orações de Paulo. O desejo do apóstolo era experimentar Cristo completamente até Sua vinda prometida. Paulo ansiava experimentar o poder da ressurreição em sua vida cotidiana (cf. 3.10a). Ele queria vivenciar os sofrimentos messiânicos (cf. 3,10b) e partilhar da ressurreição ligada ao arrebatamento (cf. 3.11). Para Paulo, a essência e o objetivo de tudo é conhecer a Cristo agora – ainda que participando de Seus sofrimentos – e buscar vigorosamente o prêmio final de conhecê-Lo de maneira definitiva e completa. Em outras palavras, o interesse primordial de Paulo era estar com o Senhor Jesus por causa de quem Ele é, e não apenas pelo o que Ele é capaz de realizar no tempo presente e também no futuro.

No entendimento do apóstolo Paulo, a principal busca do cristão deve ser pela “face” do Senhor Jesus e não pelas Suas “mãos”. É a plena presença de Cristo em nossa vida que nos satisfaz e não simplesmente os “presentes” que recebemos de Suas mãos. Não é errado desejarmos as coisas básicas da vida (cf. Mateus 6.31), desde que elas sejam o acréscimo da nossa busca primordial pelo reino de Deus e a sua justiça (cf. Mateus 6.33). Isso porque **a nossa alegria não será completa quando o Senhor Jesus der o que queremos, mas, sim, quando o Senhor Jesus for o que queremos**. Como disse certa vez o pastor presbiteriano, Hernandes Dias Lopes, *“nós não podemos substituir o Deus das bênçãos, pelas bênçãos de Deus. Nós não podemos substituir o Deus que dá coisas, pelas coisas que Deus dá. Nós não podemos, nem mesmo, substituir o Deus das obras, pela obra de Deus. Deus é a prioridade em nossas vidas”*. De maneira que, todos os que seguem verdadeiramente a Cristo, devem ter o mesmo modo paulino de pensar (cf. Filipenses 3.15-21).

Quando o apóstolo Paulo escreveu: “*Quero **conhecer** a Cristo e experimentar o grande poder que o ressuscitou*” (3.10), para o verbo “conhecer”, ele utilizou o vocábulo grego γινώσκω (*ginóskō*), que significa “*experimentar de modo pessoal um objeto ou pessoa através dos sentidos*”. Ainda que haja o ato intelectual da interpretação, o sentido original do vocábulo utilizado por Paulo carrega a implicação da certeza baseada na experiência, de modo que aquilo que foi experimentado fica conhecido por aquele que experimentou. Não se trata de perceber sem necessariamente entender. Pelo contrário, é a compreensão que leva à experiência – do grego αἰσθανομαι (*aísthanomai*). Por esse motivo é que Paulo utilizou os dois verbos – conhecer e experimentar – separadamente.² É o conhecimento obtido de Jesus mediante a reflexão, o julgamento e a investigação, isto é, por processos lógicos do pensamento, que nos conduz a experiência empírica e à compreensão plena da realidade que é Cristo, nosso Senhor.

No Antigo Testamento, o termo hebraico correspondente para o vocábulo grego γινώσκω (*ginóskō*) é יָדָע (*yada'*). A raiz dessa palavra ocorre 994 vezes e expressa variedade de aspectos de conhecimento adquirido pelos sentidos. Dentre eles, o termo é utilizado para indicar o relacionamento de alguém com a divindade.³ Sendo assim, יָדָע (*yada'*) fala de um conhecimento que é empírico e vivo. Na realidade, o Antigo Testamento encara o conhecimento como algo que surge continuamente de um encontro pessoal. De fato, a comunhão com Deus é o princípio do Céu.

Portanto, **o nosso conhecimento sobre Deus é proporcional ao nível de relacionamento que temos com Ele**. Esse era o entendimento de Oséias quando ele escreveu: “*Ah, como precisamos conhecer o SENHOR; busquemos conhecê-lo!*” (Oséias 6.3a – NVT). Desejo ardente em possuir maior intimidade com Deus.... Esse é o princípio que deve fundamentar todas as nossas orações! Priorizar Cristo é viver uma vida em comunhão tão profunda com Ele que a nossa maneira de viver se caracteriza pela ansiedade em conhecer todos os Seus desejos. Quanto mais amamos a Cristo, mais temos prazer em estar a sós com Ele. Infelizmente, essa não é a realidade de vida da maioria de nós. De modo que é com razão que o clérigo inglês, John Charles Ryle (1816–1900), certa vez afirmou: “*De todas as coisas que nos irão surpreender na manhã da ressurreição, esta, creio eu, é a que mais causará surpresa: que amamos tão pouco a Cristo durante nossa vida.*”

Que o fundamento das nossas orações tenha sempre o mesmo contexto das belas palavras do salmista Davi, quando ele escreveu: “*Tenho sede de Deus, do Deus vivo; quando poderei estar na presença dele?... Ó Deus, tu és meu Deus; eu te busco de todo o coração. Minha alma tem sede de ti*

² COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 1 391-395 p.

³ HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K.. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto Teixeira Sayão, Carlos Oswaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 598 p.

(...). *Eu te vi em teu santuário e contemplei teu poder e tua glória. **Teu amor é melhor que a própria vida; com meus lábios te louvarei. Sim, te louvarei enquanto viver; a ti em oração levantarei as mãos. Tu me satisfazes mais que um rico banquete; com cânticos de alegria te louvarei. Quando me deito, fico acordado pensando em ti, meditando a teu respeito a noite toda.***” (Salmo 63.1-6 – NVT).

Soli Deo Gloria.